PRÓLOGO

Segunda-feira, 21 de janeiro de 1793

“Povo, morro inocente! Perdôo...”

Ele fora o rei da França, o 16º com o nome de Luís, herdeiro de uma linhagem que há mais de dez séculos edificara e construíra o reino da flor-de-lis, e que, pela graça de Deus, tornara-o um dos mais poderosos do mundo.

Seus reis eram de direito divino, a França era a filha mais velha da Igreja, e um Luís, o IX, morto em uma cruzada, se tornara São Luís.

Mas naquela manhã de segunda-feira, 21 de janeiro de 1793, exatos quatro meses depois da proclamação da República, em 21 de setembro de 1792, enquanto um nevoeiro gelado paralisava Paris e abafava o rufar dos tambores que batiam sem interrupção, Luís XVI era apenas Luís Capeto, ex-rei da França, ex-rei dos franceses.

Seu corpo seria cortado em dois, separando-se, assim, o corpo do rei do da nação.

Quando, depois de uma breve hesitação, Luís desce de uma grande carruagem verde que acaba de parar na Place de la Révolution, antiga Place Luís XV, ele vê, primeiro, fileiras de soldados, guardas-nacionais e cavaleiros, depois a multidão imensa que invadira a Place de la Révolution.

Da estátua do rei Luís XV, só restara o pedestal de pedra, recife branco no meio de dezenas de milhares de corpos que se amontoavam como que para se aquecerem, para se tranquilizarem.

Fazia frio. O rei seria decapitado.

Luís, neto daquele Luís XV cuja estátua fora derrubada e cuja praça fora rebatizada, ergue os olhos.

Vê o cadafalso, a guilhotina montada entre o pedestal da estátua no centro da praça e o início dos Champs-Élysées.

Vê o cutelo, os montantes que guiarão a lâmina oblíqua, a prancha em que será colocado seu corpo, que oscilará no momento em que a lâmina cair.

Luís dá um passo para trás quando o carrasco Samson e seus dois ajudantes se aproximam.

Ele é o rei.

É um sacrilégio tocá-lo.

Ele mesmo tira o casaco e o colarinho, ficando apenas com um simples colete de algodão branco.

Afasta-se de Samson mais uma vez.

Não quer que seus cabelos sejam cortados, que suas mãos sejam atadas.

A seu lado, o abade Edgeworth, seu confessor, murmura algumas palavras:

“Sire, neste novo ultraje vejo apenas um último traço de semelhança entre Vossa Majestade e Deus, que será sua recompensa”.

Luís abaixa a cabeça.

O corpo do rei pode sofrer, como sofreu o corpo do Cristo.

Luís se submete.

Uma corda é amarrada ao redor de seus punhos.

Para os homens, ele não passa de Luís Capeto, que a Convenção Nacional declarara “culpado de conspiração contra a liberdade da nação e de atentado contra a segurança geral do Estado”.

Ela decretara: “Luís Capeto receberá a pena de morte”.

Luís tentara contestar o julgamento dos homens.

Em 17 de janeiro de 1793, dirigira aos 749 deputados da Convenção Nacional uma carta pedindo que o povo sozinho o julgasse.

“Devo à minha honra”, escreveu ele, “devo à minha família, nada subscrever de um julgamento que me inculpa de um crime de que não posso ser considerado culpado, em vista do que declaro recorrer do julgamento de seus representantes à própria nação.”

Mas a Convenção se recusara a levar em conta seu pedido. E o carrasco Samson empurra Luís Capeto, ex-rei da França, em direção à escada que conduz à guilhotina.

Luís cambaleia e, recusando qualquer ajuda, sobe os cinco degraus do cadafalso.

Os tambores batem mais forte, rompendo a camada cinza e gelada que recobre a praça.

Luís está na plataforma. Repete as frases que ditara em 25 de dezembro de 1792, último Natal de sua vida, como bem sabia, e que compunham seu testamento.

“Entrego minha alma a Deus, meu criador. Rogo-Lhe que a receba em Sua misericórdia...

“Morro na união da Santa Madre Igreja católica, apostólica romana...

“Rogo a Deus que me perdoe de todos os meus pecados. Procurei conhecê-los escrupulosamente, detestá-los e humilhar-me em Sua presença...

“Perdôo de todo coração aqueles que se fizeram meus inimigos sem que eu lhes tivesse dado algum motivo...

“Rogo a Deus principalmente que lance um olhar misericordioso sobre minha mulher, meus filhos e minha irmã, que há tempo sofrem a meu lado...

“Recomendo meus filhos à minha mulher. Nunca duvidei de sua ternura materna...

“Rogo a minha mulher que me perdoe de todos os males que sofreu por mim...

“Recomendo a meu filho, se tiver o infortúnio de se tornar rei, que considere dever-se por inteiro à felicidade de seus concidadãos, e que esqueça todo ódio e todo ressentimento e especialmente tudo o que tiver relação com os infortúnios e as tristezas que experimento...

“Perdôo ainda de boa vontade aqueles que me reservaram maus tratos e gestos que acharam que deviam usar para comigo...

“Concluo declarando diante de Deus, e prestes a surgir à sua frente, que não me responsabilizo por nenhum dos crimes que me foram imputados...”

Luís, agora, está diante da guilhotina e acima da multidão sobre a qual ecoa o rufar dos tambores.

Livra-se, num movimento brusco, das mãos do carrasco e de seus ajudantes.

Grita, voltado para a multidão:

– Povo, morro inocente! Perdôo os autores de minha morte. Rogo a Deus que o sangue que vocês derramarão jamais recaia sobre a França.

Samson agarra-o, puxa-o para trás.

Ele ainda diz aos carrascos:

– Senhores, sou inocento daquilo de que me acusam. Espero que meu sangue possa consolidar a felicidades dos franceses.

Samson hesita. Luís se debate. É empurrado. A prancha oscila.

Ouve-se um grito horrível, abafado pela lâmina.

Samson pega a cabeça de Luís pelos cabelos, brande-a, mostra-a ao povo.

Gritos se erguem:

– Viva a nação! Viva a República! Viva a igualdade! Viva a liberdade!

Danças circundam o cadafalso. Alguns homens e mulheres se aproximam da guilhotina, tentam molhar seus lenços e capas no sangue de Luís Capeto, ex-rei da França.

Agitam seus troféus vermelhos.

Mas a multidão se dispersa rapidamente, silenciosa e grave.

Na Place de la Révolution, nas ruas, nas bancas e tabernas onde se bebe vinho quente, comenta-se menos a morte do rei do que a de Le Peletier de Saint-Fargeau, membro da Convenção.

Este votara pela execução imediata de Luís Capeto.

Fora assassinado à noite, ao sair de uma ceia no restaurante Février, na Place du Palais-Église, antiga Place du Palais-Royal.

Um antigo membro da guarda pessoal do rei, Pâris, dera-lhe um golpe de sabre no baixo ventre.

E o corpo do membro da Convenção ficara exposto, desnudo até a cintura, antes de ser acompanhado ao Panteão por toda a Convenção e um longo cortejo popular.

A morte do ex-rei da França parece aos olhos do povo *sans-culotte* vingar a de Le Peletier de Saint-Fargeau e de todos os "mártires" da Revolução.

"O sangue dos homens faz gemer a humanidade, o sangue dos reis a consola", escrevem os cidadãos membros da Sociedade dos Amigos da Igualdade e da Liberdade aos membros da Convenção.

E o jornal *Le Père Duchesne* enuncia, à sua maneira, a oração fúnebre de Luís:

"Capeto finalmente está morto, diabos!"

"Não direi, como alguns basbaques: não falemos mais nisso!"

"Falemos sim, pelo contrário, para nos lembrarmos de todos os seus crimes e inspirarmos em todos os homens o horror que devem sentir pelos reis."

"É isso, diabos, o que me leva a proferir sua oração fúnebre, não para fazer seu elogio ou atenuar seus defeitos, mas para pintá-lo tal como foi, e mostrar ao universo que tal monstro merecia ser asfixiado desde o berço!"

Naquela segunda-feira, 21 de janeiro de 1793, às 10h20, na Place de la Révolution, morre um homem, agora simples Luís Capeto. Mas foi o corpo de um rei, e a história de uma nação, que foram cortados em dois.

Quatro anos antes, em 1789, súditos de todas as províncias ainda celebravam aquele mesmo homem, o rei da França.

E em 14 de julho de 1790, ele presidira a festa da Federação, reunindo à sua volta todos os cidadãos dos departamentos do reino.

Fora o rei dos franceses.

Em maio de 1774, quando sucedera ao avô, Luís XV, panfletistas tinham escrito que ele parecia "prometer à nação o reino mais doce e afortunado".

Quem ousaria imaginar que um dia Luís XVI, Luís o Bom, seria, sob o simples nome de Luís Capeto, guilhotinado na antiga Place Luís XV, convertida em Place de la Révolution?

PRIMEIRA PARTE

1774-1788

“Que fardo, e não me disseram nada!”

“Não esqueça jamais, Sire, que a fraqueza é que
colocou a cabeça de Carlos I no cepo...”

Carta de Turgot a Luís XVI
30 de abril de 1776

1.

Esse rei, Luís XVI, morto depois de humilhado, quem sabe pressentira que teria um destino trágico, ao ascender ao trono da França?

Fora em 10 de maio de 1774.

Há vários dias ele sabia que seu avô Luís XV estava condenado e que ele, Luís Augusto, duque de Berry, seria seu sucessor.

A angústia e o desânimo o oprimiam.

Ele vira o corpo do rei – Luís, o Bem-Amado, o mais belo homem do reino, chamado de Luís XV – se transformar num amontoado de carnes purulentas e fétidas, o rosto coberto de pústulas e feridas.

Todos se ajoelhavam para rezar, mas apenas ao pé da escada que conduzia ao quarto do rei, por medo de contágio.

– Madame, estou com varíola – dissera Luís XV à sua favorita, a condessa Du Barry.

Ele quisera, depois de uma vida dissoluta, pedir a graça de Deus, e portanto afastara aquela amante que representava – depois de tantas outras – a encarnação do pecado.

– É preciso que a senhora se retire – dissera-lhe.

Ela obedecera, trocando Versalhes pelo castelo de Rueil.

O confessor de Luís XV recolhera as últimas palavras do rei agonizante. Depois fora até os cortesãos, que se mantêm à distância.

– Senhores, o rei ordenou-me dizer que, se escandalizou seu povo, pede-lhe perdão, e que está decidido a preencher o resto de seus dias praticando a religião conforme um bom cristão, como fez em sua juventude, e a protegê-la e a fazer a felicidade de seu povo.

Luís, duque de Berry, em breve Luís XVI, ouve suas palavras.

Mas é tarde demais, a morte já se apossara do corpo do rei, que é preciso o mais rápido possível encerrar num caixão duplo de chumbo cheio de “espírito de vinho”.

Esse rei tão poderoso, tão adulado durante a primeira parte de seu reinado, agora não passa de um cadáver que se desintegra, do qual todos se afastam, querem esquecer.

Seis mil missas haviam sido celebradas em 1744 quando uma doença prostrara Luís XV. Só se contam três em 1774.

Luís XVI ficará sabendo que o caixão do rei fora conduzido até Saint-Denis acompanhado apenas de alguns serviçais, e por uma pequena escolta da guarda pessoal, na noite de 12 de maio.

Ao longo de todo o trajeto, ouviram-se gritos, em tom alegre: “Pega! Pega!” e “Chegou o prazer das damas! Chegou o prazer”.

Oração fúnebre por um rei que, segundo o povo, se preocupara mais com a caça e as mulheres do que com seu reinado.

Luís, que em 1770 casara-se, aos dezesseis anos, com Maria Antonieta da Áustria, a mais jovem herdeira dos Habsburgo, de apenas quinze anos, que dizem ter sido incapaz por vários anos de consumar seu casamento e de quem não se conhece nenhuma aventura, murmurará:

– O que sempre causou a perdição deste Estado foram as mulheres legítimas e as amantes.

Ele faria vinte anos dentro de alguns meses, nunca reinara, e entregava-se com paixão somente à caça, dedicando-se a ela todos os dias desde sua primeira cavalgada, em agosto de 1769 – aos quinze anos. Testemunhara na Corte, no entanto, intrigas que eram arquitetadas em torno da condessa Du Barry, e lembranças deixadas por Madame de Pompadour, ou pelas favoritas de Luís XIV e seus bastardos. Suas tias – as irmãs de Luís XV – e o governador das crianças reais da França, o duque de La Vauguyon, o preveniram contra as mulheres e a influência que estas podiam exercer no governo.

– Uma desgraça.

Ele vira os súditos se afastarem de Luís XV.

Pouco a pouco, fora construindo para si uma idéia dos deveres de um soberano. Inclusive escrevera uma espécie de resumo de todos os ensinamentos que lhe haviam sido passados, intitulado *Reflexões sobre meus diálogos com Monsieur de La Vauguyon*.

"Um bom rei", escreve ele, "não deve ter outro objetivo que tornar seu povo feliz..."

Por isso, não deve esquecer os direitos naturais de seus súditos, "anteriores a qualquer lei política e civil: a vida, a honra, a liberdade, a propriedade dos bens... O príncipe precisa, portanto, reduzir os impostos o máximo que puder... O rei deve ser firme e nunca se deixar levar pela fraqueza. Também deve conhecer os homens a fim de não ser enganado... O rei recebe de Deus a autoridade soberana, e só deve contas a Ele, mas, se oprime seu povo, é culpado perante Deus".

Os conselhos que recebe de um abade que fora confessor de seu pai – o abade Soldani – encerram sua apresentação do "ofício do rei" como sendo o mais exigente, o mais austero, o mais difícil que existia.

É preciso, diz-lhe Soldani, "conhecer sua religião, lutar contra os escritos filosóficos sem melindrar os autores, proteger a Igreja sem poupar os maus sacerdotes ou os abades avaros... Evite os favoritos, mantenha-se perto do povo, evite o vão luxo, os gastos e os prazeres, que sabemos, de resto, serem pouco valorizados pelo senhor. Amando o trabalho, saiba repousar; sendo frugal, não se deixe seduzir. Seja bom com todos, mas lembre-se de que é o herdeiro. E que o senhor possa reinar o mais tarde possível".

Mas naquele 10 de maio de 1774, quando ainda não tem vinte anos, Luís ouve em sua direção, como um trovão, o passos impacientes dos cortesãos que abandonam a antecâmara do soberano falecido para saudar "a nova potência".

O rei está morto! Viva o rei!